


## RESENHA

HOLANDA, Karla (org.). **Mulheres de cinema**. Rio de Janeiro: Numa, 2019. 412p.

Maíra Ezequiel <sup>1</sup>

 10.21665/2318-3888.v8n15p08-12

Já no primeiro parágrafo do texto da professora Lúcia Maria Ramos, escrito para a orelha do livro, temos o questionamento central que nos dá a dimensão do grau de relevância da obra que temos em mãos: onde estão as mulheres que sempre fizeram cinema? Por que quase nunca estiveram presentes em historiografias e antologias do cinema mundial?

No prefácio, a professora Ilana Feldman insiste nas inquietações que mobilizam os cada vez mais numerosos estudos sobre as mulheres do cinema e a publicação desta obra: “Onde estávamos que nunca ouvimos falar desta ou daquela realizadora? Por onde andávamos que nunca assistimos uma imagem sequer de uma penca de filmes analisados?”, indaga Feldman.

O fato é que – agora já sabemos –, desde os primórdios, as mulheres sempre fizeram cinema. E só há uma explicação possível para a ausência delas nos registros historiográficos oficiais: a história que conhecemos nos foi contada por homens. E, em um mundo patriarcal, as mulheres são invisibilizadas e silenciadas. É parte importante de um projeto de dominação.

Nesse sentido, o esforço que a professora Karla Holanda vem fazendo nos últimos anos de revisão da História do Cinema brasileiro e mundial, desta vez incluindo as mulheres, adquire um caráter disruptivo. Isso porque aponta para um novo paradigma dos estudos e da História do Cinema. Um que não mais ignore as mulheres. A dura verdade é que, até hoje, só tivemos acesso a uma história parcial do cinema. Aquela que os homens nos contaram. E nós não vamos mais aceitar isso caladas.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Cinema pela Universidade Federal Fluminense - UFF, mestra em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP e graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. É professora efetiva do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Sergipe - UFS. E-mail: ezequiel.maira@gmail.com.

Junto ao anterior *Feminino e Plural*, que Karla organizou junto a Nina Tedesco – um compêndio de artigos que começam a fazer justiça às mulheres do cinema brasileiro, indicado ao prêmio Jabuti, com primeira edição já esgotada – este *Mulheres de Cinema* continua a saga da reescritura da história, não apenas do cinema, mas das artes e, porque não, da humanidade. É um presente para toda e todas, principalmente para nós, pesquisadoras, realizadoras, cinéfilas.

Ao olhar o sumário já se tem uma dimensão do volume e do peso desse presente: são 24 artigos, espalhados em 412 páginas, que somam esforços preciosos no reconhecimento da presença das mulheres no cinema mundial. Chama atenção, inclusive, o fato de que a maioria dos textos é escrito por mulheres – dos 24, apenas dois são assinados por homens. Isso adiciona a *Mulheres de Cinema* uma camada extra de importância. Afinal, também na academia costumamos ser silenciadas e invisibilizadas.

Das mulheres do cinema silencioso ao cinema experimental da vietnamita Trinh T. Min-ha, passando por cineastas da ficção e do documentário da América Latina, África, Ásia e Oriente Médio, é clara a intenção de dar conta de cinematografias diversas, sob uma ótica não-eurocêntrica, e, por muito tempo, ignoradas pelo cânone acadêmico.

A escolha e organização dos artigos revela ainda um esforço em manter a abordagem o mais ampliada possível. Linguagens e gêneros cinematográficos tão diversos quanto o pornográfico, o documental e o ensaístico estão todos contemplados neste compêndio, ainda que fique clara a predominância de uma cinematografia de mulheres diretoras de longas ficcionais.

Também nas abordagens metodológicas é possível identificar o cuidado em manter a obra ampla e diversa. Entre biografias e cinematografias comentadas e analisadas, encontramos estudos de gênero, de recepção, de mercado, revisão bibliográfica teórica, análises de contexto histórico e político.

Numa “primeira parte” - assim entendida arbitrariamente por mim - do livro, temos 13 artigos que poderiam ser agrupados pelo critério da cobertura histórico-geográfica não-eurocêntrica. No primeiro deles, Flávia Cesarino Costa nos mostra o que, há tão pouco tempo, passamos a

suspeitar: desde o cinema mudo, mulheres como Alice Guy Blanché, Lois Weber, Lotte Reiniger e Madeline Brandeis estiveram ajudando a construir essa história.

Ainda sobre o primeiro cinema, Neide Jallageas revela a trajetória pouco conhecida da soviética Esfir Chub. Também na chave do uso político do cinema, Wagner Pinheiro Pereira aprofunda o olhar sobre a controversa obra da cineasta de Hitler, Leni Riefenstahl.

No contexto da América Latina, Nina Tedesco nos traz um panorama das cineastas latinas pioneiras e Maurício de Bragança amplia essa mirada com uma incursão na obra da cineasta mexicana Lola Montés. Completando o bloco sobre nossas hermanas, Alcilene Cavalcanti e Natalia Christofolletti Barrenha nos introduzem a um breve, mas não menos relevante, panorama das cineastas argentinas e seus filmes.

Chegando ao Brasil, Karla Holanda enumera três momentos das mulheres no cinema brasileiro e Ana Paula Alves Ribeiro nos faz olhar para o Rio de Janeiro por meio da imagem das mulheres negras, numa perspectiva que alinha antropologia, cidade e cinema.

Arrisco inferir que talvez duas das contribuições mais importantes, dentre todos estes estudos urgentes aqui reunidos, estão nos artigos de Clarisse Alvarenga sobre o cinema feito por cineastas indígenas na América e de Janaína Oliveira sobre o tão pouco conhecido cinema africano feminino. O que ambos os artigos atestam é que o nível de invisibilidade desta cinematografia é ainda mais profundo do que já podemos imaginar.

Partindo para o Oriente Médio, encontramos Cecília Mello lançando luz sobre a trajetória das mulheres no cinema da China continental; Alessandra Meleiro, que faz uma análise do papel de crítica e protagonismo das mulheres no cinema iraniano, em um contexto de repressão política e religiosa, e Jaily Manguirmalani que se debruça sobre a quase inexistência de mulheres diretoras em uma indústria tão massiva como a indiana.

No que eu considero a segunda parte do livro, temos um bloco de nove artigos que, para além da dimensão histórica e geopolítica, sugerem à academia novos modos de aproximação teórica, metodológica, estética e filosófica dos cinemas feitos por mulheres ao redor do mundo.

(Re)Começando com o artigo de Ana Catarina Pereira, encontramos um panorama sociológico quantitativo do cinema feminino de Portugal, a partir de uma perspectiva autoral de gênero.

Ana Maria Veiga faz um enorme favor a todas nós, estudiosas da teoria feminista do cinema, trazendo uma verdadeira exegese desses 40 anos de produção teórica e crítica, desde o artigo seminal da britânica Laura Mulvey, que conclamava a produção de um contracinema como resposta ao olhar masculino imposto à espectadora feminina, até o pensamento mais recente, incluindo o livro da Karla Holanda, anterior a este, já mencionado acima.

Na esteira das reflexões teórico-crítico-metodológicas, o capítulo assinado por Leticia Moreira e Regina Gomes lança uma luz importante sob os caminhos percorridos até aqui nos estudos sobre recepção e espectadorialidade feminina.

Aprofundando as discussões sobre sexualidade(s) feminina(s), em suas formas diversas, Ramayana Lira e Alessandra Soares problematizam a questão da (in)visibilidade lésbica no cinema, expondo paradoxos e ambiguidades inerentes às tentativas de representação e de realização de um (possível) “cinema lésbico”. Já Mariana Baltar envereda pelos caminhos da produção pornográfica de e para mulheres e das possibilidades e problemáticas da criação de um gênero como o “pornô feminista”.

O caráter ensaístico da obra da cineasta francesa Agnès Varda está em destaque em dois capítulos do livro. Patrícia Machado relaciona a estética da montagem em alguns dos filmes de Varda com o que ela mesma chama de “pequenos inventários”, numa reorganização, também ela, da ordem do ensaio. Roberta Veiga insiste no tema do cinema ensaio, porém ampliando o olhar para, além de Varda, a obra da belga Chantal Akerman e da japonesa Naomi Kawase.

Fechando o livro, encontramos as contribuições de Patrícia Mourão e Carla Maia. Mourão nos brinda com uma instigante reflexão sobre as mulheres pioneiras do cinema experimental que tiveram suas obras e suas relevâncias ofuscadas por seus pares masculinos, focando no encontro da artista Carolee Scheemann com o casal Jane e Stan Brakhage. Maia nos entrega um belo relato sobre sua experiência ao lado de Trin T. Minh-ha. Aqui o termo “ao lado de” tem importância crucial, pois é como Minh-Ha entende ser a única forma possível de se fazer arte, poesia, cinema.

Ao final da leitura, fica sobretudo a certeza de que esta é uma obra que se estabelece imediatamente como referência bibliográfica fundamental para os estudos sobre a

participação feminina no cinema mundial. Aliás, para os estudos sobre o próprio Cinema Mundial. Sem dúvida, já é referência obrigatória e imprescindível para todas nós, que também somos Mulheres de Cinema.

*Recebido: 15.04.2020*  
*Aprovado: 21.06.2020*